



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**Ir à luta e garantir nossos espaços:
Marcha das Mulheres Negras memórias e novas vivências**

Iara Santos
Orientadora: Profa Dra Dione Oliveira Moura

Brasília
2021

IARA SANTOS

“IR À LUTA E GARANTIR NOSSOS ESPAÇOS: MARCHA DAS MULHERES NEGRAS
MEMÓRIAS E NOVAS VIVÊNCIAS”

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como parte do Projeto Final em Jornalismo e requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dione Oliveira Moura.

Brasília

2021

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**Ir à luta e garantir nossos espaços:
Marcha das Mulheres Negras memórias e novas vivências**

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como parte do Projeto Final em Jornalismo e requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Banca Examinadora

PROF^a Dr^a Dione Oliveira Moura (orientadora)

PROF^a Dr^a Kelly Tatiane Martins Quirino (examinadora)

PROF^a Dr^a Susana Dobal Madeira Jordan (examinadora)

PROF^a Dr^a Elen Cristina Geraldês (examinadora suplente)

Às minhas avós Maria de Jesus e Maria do Carmo

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam
esperanças.
Eu-mulher em rios
vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do
mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de
vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Conceição Evaristo

Agradecimentos

Pensei bastante em como começar os agradecimentos de uma forma não clichê. Falhei, vou ter que ser clichê. Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me permitido chegar até aqui com saúde para celebrar esse momento.

Se eu cheguei onde cheguei foi porque tive as melhores pessoas ao meu lado para me incentivar ou dar colo quando tudo parecia ruir.

À minha família, esse diploma é nosso, quando um vence todos vencem. Aos meus pais, Nalva e Paulo, obrigada por serem minha mola propulsora, meus amigos, companheiros e abraço de esperança. Meus irmãos, Tiago, Tiara, Iago, Tiego e Tianny, vocês representam o melhor de mim, não imagino minha vida sem vocês, gratidão por entenderem minha vida corrida, meus surtos de estresse e ainda mais por sempre estarem na primeira fileira vibrando todos os momentos importantes da minha vida.

Família, tudo que eu sei sobre o amor aprendi com vocês. UBUNTU, eu sou porque nós somos!

Aos meus amigos, por sorte colecionei muitos amigos até aqui talvez até esqueça alguns nomes, desde já peço desculpas.

Minhas amigas, quase minha segunda família, Lucimara, Dona Geralda, Deborah, Leticia, Natalia e Vitória, sem vocês eu não teria chegado tão longe, em especial Vitória, obrigada por acreditar em mim quando nem eu acreditava.

Sabe aquele ditado do ensino médio para a vida? Felizmente é uma frase certa em minha vida. Kamilla, Lorrane, Lorrany e Renata, minhas amigas mais antigas, aquelas que me viram entrar na UnB, trocar de curso e finalmente formar, independente de qualquer coisa, sempre serão lembradas como minhas eternas melhores amigas.

Minhas menininhas, Ana Clara, Clarinha, Deborah e Jamine, esses últimos meses só não foram piores porque tinha vocês ao meu lado, obrigada por sempre ouvirem meus áudios enormes no WhatsApp e terem os melhores conselhos e ombros amigos.

O primeiro semestre é sempre muito difícil e novo, mas graças ao meu grupo que chamamos carinhosamente de “Os melhores” foi super tranquilo, engraçado e de muito amor. Allan, Ana Clara, André, Braian, Carlos Augusto e Isadora, sem sombra de dúvidas vocês são os melhores.

Quem já trocou meia palavra comigo com certeza já me ouviu falar da Pupila, e o que é Pupila? É simplesmente a melhor empresa júnior da vida, lá eu aprendi tudo que sei hoje

e fiz amizade com as pessoas mais incríveis da Faculdade de Comunicação da UnB, não vou citar nomes porque são muitos, mas a minha diretoria merece uma menção honrosa, Clara, Débora, Giovana e Isabella, com vocês eu enfrentei meus medos, deixei para trás minhas inseguranças e realizei um dos maiores feitos da minha vida, nunca vou esquecer vocês e vamos sempre juntas.

À minha querida orientadora Dione Moura, obrigada por todo apoio e conhecimento compartilhado, você é a pessoa mais empática que eu conheço. Se cada pessoa tivesse um pouquinho de Dione o mundo seria 1000x melhor.

Este trabalho só foi possível pela colaboração de muita gente, aos quais agradeço aqui: as professoras Kelly Quirino, Susana Dobal e Elen Geraldes por aceitarem o convite à banca e assim somarem para a construção deste trabalho; as entrevistadas, Nilma Bentes, Juliana Gonçalves, Jamine, Juliana Nunes, Carla e Natália. Um agradecimento especial a Lilian e Graziella que além de personagens me ensinam muito sobre negritude e também por terem revisado e formatado meu TCC. A todos que ajudaram direta ou indiretamente, muito obrigada.

Por último, mas não menos importante meus agradecimentos à Universidade de Brasília, por ter me proporcionado tanto aprendizado acadêmico e moral. Tenho orgulho de ser graduada em uma das melhores universidades do Brasil.

Um agradecimento mais que especial a minha psicóloga Aline, sem os atendimentos e olhar cuidadoso dela eu não teria conseguido força suficiente para conciliar o TCC, minha vida pessoal e a bagunça dos meus pensamentos, gratidão por ter me olhado com afeto até hoje e por me trazer calma no meio do caos.

Agradeço também a UnB por ter me aproximado de um dos maiores amores da minha vida, minha avó Maria de Jesus, estar na UnB estreitou nossos laços, e eu não poderia ser mais grata. Dona Maria esses últimos anos não foram nenhum pouco fáceis sem a senhora aqui, toda às vezes que pensei em desistir me lembrei de como falava com empolgação que tinha uma neta na faculdade e isso me dava um gás para continuar, queria que a senhora estivesse aqui para falar com a mesma empolgação que tem uma neta jornalista. Que daí de cima a senhora continue a me olhar, que aqui embaixo vou fazer de tudo para sempre te orgulhar.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo registrar as memórias da Marcha das Mulheres Negras que aconteceu no ano de 2015 em Brasília, além de evidenciar a esperança no futuro pelo olhar de mulheres pretas. Por meio de relatos, o webdocumentário traz à tona como se deu a organização e as consequências após manifestação. O projeto também tenta construir uma imagem dessas mulheres, personagens que, ao mesmo tempo que tem suas lutas e dores, são esperançosas quanto ao futuro e protagonistas de suas histórias.

Palavras-chave: mulheres negras, esperança, webdocumentário, feminismo negro, Marcha das Mulheres Negras

ABSTRACT

This work has the objective of registering the memories of the "Black Women March" that happened in the year 2015 in Brasilia, beyond evidencing the hope in the future by the eyes of black women. By stories, the web documentary brings to topic how the organization and the consequences after the manifestation were given. The project also tries to build an image of these women, characters who, at the same time that have their fights and pains, are hopeful for the future, and are leading figures of their histories.

Key-words: women, hope, web documentary, black feminism, future, Black Women's March

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1- Paleta de cor | 30 |
| Figura 2- Fonte | 30 |
| Figura 3- Exibição do site | 30 |
| Figura 4- Exibição do site | 31 |
| Figura 5- Exibição do site | 31 |
| Figura 6- Exibição do site | 32 |
| Figura 7- Exibição do site | 32 |
| Figura 8- Logo AMNB | 33 |
| Figura 9- Divulgação redes sociais | 38 |
| Figura 10- Divulgação redes sociais | 39 |
| Figura 11- Divulgação redes sociais | 39 |
| Figura 12- Divulgação redes sociais | 40 |
| Figura 13- Divulgação redes sociais | 40 |
| Figura 14- Divulgação redes sociais | 41 |
| Figura 15- Divulgação redes sociais | 41 |
| Figura 16- Divulgação redes sociais | 42 |

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

| | |
|--|----|
| 1. PROBLEMA DE PESQUISA | 13 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 14 |
| 3. OBJETIVOS | 16 |
| 3.1. Objetivo Geral | 16 |
| 3.2. Objetivos Específicos | 16 |
| 4. REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 4.1. Contexto do Feminismo Negro | 16 |
| 4.2. Resgate da Marcha das Mulheres Negras | 18 |
| 4.3. Webdocumentário | 20 |
| 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 21 |
| 5.1. Pré-produção | 21 |
| 5.1.1 Definição do tema e pesquisa do tema | 21 |
| 5.1.2. Contato com as personagens | 22 |
| 5.2. Etapa 2: Produção | 23 |
| 5.3. Etapa 3: Pós-produção | 24 |
| 5.3.1. Edição e montagem | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | |
| REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS | |
| APÊNDICES | |
| ANEXOS | |

APRESENTAÇÃO

“Ir à luta e garantir nossos direitos” é uma coletânea de histórias, disponibilizada em forma de webdocumentário, que tem como objetivo resgatar as memórias da Marcha das Mulheres Negras e em paralelo contar a história de mulheres negras de diversas áreas e vivências na sociedade brasileira e suas perspectivas de um futuro melhor na vida de mulheres pretas.

Para chegar ao ponto principal precisamos contextualizar como foi o princípio da existência da população negra no Brasil. A escravidão foi responsável pela escravização de milhões de povos negros e indígenas, e passados mais de 130 anos da abolição, ainda estamos reféns das sequelas deixadas, a pobreza, violência e a discriminação que afetam os negros no Brasil são um reflexo direto desses 300 anos. Números do IBGE (2019) mostram que, quanto mais pobre é a faixa da população, maior é a porcentagem de pessoas negras. Dos 13,5 milhões de brasileiros vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos.

Todos os estereótipos que envolvem pobreza, criminalidade e falta de instrução estão ligados à população negra.

A mulher negra brasileira sofre as implicações de racismo e de gênero que as condenam a uma situação cruel de exclusão e marginalização social, que a jogam para a base da pirâmide social, já que gênero e raça determinam essa escala.

A trajetória das mulheres negras é permeada pela solidão, muitas vezes, solitárias por não se verem representadas na mídia e por serem sexualizadas. Com isso, sua autoestima é afetada, pois foi a vida inteira ensinada a odiar seus traços e se esconder

em roupas que não marquem o corpo para evitar passar por situações indesejadas. Desde muito nova as meninas pretas são ensinadas que precisam aguentar tudo, por isso por muitas vezes acabam aceitando menos do que merecem e sem nunca demonstrar que está triste ou chateada, afinal, a mulher preta é forte e não pode deixar suas vulnerabilidades a mostra, o que as leva a acreditar que não são dignas de ser amadas e ter histórias felizes.

No Brasil a representação de pessoas negras por muitas vezes foram apagadas no meio televisivo, na década de 1960 foi ao ar a primeira novela com um personagem negro como protagonista, porém o ator escolhido para interpretar era branco, fazendo uso da técnica hoje conhecida como blackface. Até mesmo o papel sendo de um personagem negro não era destinado a um ator negro. Mesmo com o passar dos anos e os negros assumindo papéis na televisão, ainda hoje, pleno 2021 nos deparamos com obras retratando a escravidão, mais uma vez colocando os negros em um lugar de dor e sofrimento. No telejornalismo em 2002 a primeira pessoa negra ocupou o posto de âncora do noticiário de rede aberta mais assistido da América Latina, e há apenas 2 anos o telejornal teve sua primeira apresentadora negra.

Com o surgimento da internet e o aumento crescente 83% (CGI,2020) nos domicílios brasileiros o povo preto passa a ocupar um espaço de maior visibilidade, onde começam a mostrar suas vivências de um ponto de vista mais verdadeiro e único.

A internet permitiu que produções escritas e audiovisuais da comunidade negra brasileira se tornassem visíveis, uma vez que a maior parte dos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão não garantiam essa representação.
(MOURA, 1990; PINTO A, 2010; CLAVELIN, 2011)

Nesse cenário o webdocumentário surge com a intenção de rememorar o que foi a construção da Marcha das Mulheres Negras, potencializar vozes de jovens pretas e colaborar para o não esquecimento das mesmas.

1. PROBLEMA DE PESQUISA

A partir da escolha da temática, o primeiro desafio foi encontrar o material de 2015 sobre a Marcha e sobre a perspectiva de esperança sob um olhar da negritude.

Por ser um tema que permeia minha vida desde sempre, precisei trabalhar ele com cuidado para não ficar muito focado em minhas experiências, mas também ser algo que tenha a minha vivência intrínseca;

Outro desafio foi fazer o projeto audiovisual de forma remota sem perder a sensibilidade na hora de entrevistar as mulheres, muitas vezes as gravações foram tomadas por emoção e com a distância precisei ter bastante tato para lidar com a situação.

Durante a busca de personagens para compor o documentário precisei me ater que seriam experiências diferentes para que não ficasse repetitivo para as espectadoras e os espectadores do weddoc.

2. JUSTIFICATIVA

Ser uma mulher preta e periférica foram traços que moldaram minha personalidade e quem eu sou hoje, mesmo demorando para me reconhecer como tal. Por muitos anos da minha vida me identifiquei como uma pessoa morena pois tinha receio de falar a palavra negra ou preta, não queria me conectar com a minha ancestralidade, ancestralidade essa que na minha infância vi sendo retratada na mídia de forma muito dolorosa. Era angustiante ver novelas de época e identificar tanto sofrimento que os negros passavam, em especial as mulheres que por muitas vezes tinham seus corpos violados para satisfazer os prazeres dos senhores. Outro ponto foi perceber que as pessoas negras só representavam papéis marginalizados. Por conta desses fatos narrados, eu me blindei e não conseguia me identificar como negra porque não queria passar pelo mesmo sofrimento que em que eles passavam.

Somente na UnB ouvindo pessoas pretas falarem de suas lutas, dores e vitórias que passei a me reconhecer como mulher negra e também a identificar que algumas violências que sofri no passado são frutos de racismo, eu não me reconhecia como negra, mas todos ao redor não só reconheciam como me desrespeitavam por ser.

Confiei que agora sim conseguiria conquistar o mundo pois me aceitava e lutava pelo o que acredito foi aí que me vi sendo colocada em mais uma caixinha de estereótipos, e me sentindo pressionada a suprir essas expectativas. Independente de tudo não posso falar alto porque estou sendo a preta raivosa e barraqueira, se não me posicionar estou sendo omissa, se me posiciono estou militando errado, nunca devo chorar pois mulheres negras são fortes e aguentam tudo isso. Um dos momentos que percebi que mulheres pretas são mais que estereótipos criados por terceiros e que merecem ter suas histórias contadas de forma leve e feliz também foi na novela Amor de mãe em um diálogo com entre a personagens Camila e Lourdes interpretadas respectivamente pelas atrizes Jéssica Ellen e Regina Casé. Camila relata que está cansada de ser forte o tempo todo.

“Eu tenho que ser forte porque sou mulher e pra mulher é mais difícil. Eu tenho que ser forte porque sou preta e a gente vive em um país racista... Eu tô cansada de ser forte. Eu não vou poder ser fraca? nenhum dia? nenhuma vez na minha vida?”

(DIAS, Manuela. Amor de mãe)

Essa inquietação de sentir que nunca posso errar, e que sempre tenho que ter uma história de dor e superação para contar para assim ter meus feitos validados me levou ao encontro desse tema de pesquisa. Nós mulheres pretas também temos o direito de sorrir, amar, somos muito além de nossas dores.

Pela importância que esse tema emprega na minha vida, produzir algo que os unisse fez total sentido. O registro de resgate de uma memória, por meio um compilado de histórias, que seja fiel às suas interlocutoras, destacar o protagonismo das mesmas. E assim como Emicida narra em sua música “AmarELO” nós somos mais que nossas dores.

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes,
que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de
nóiz?

Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência

É roubar o pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir

(EMICIDA, part. Majur e Pablllo Vittar. Amarelo)

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Construir um registro das memórias da Marcha das Mulheres Negras e das vivências de jovens mulheres negras em marcha sócio histórica.

3.2. Objetivos Específicos

- Elaboração de um webdocumentário que resgata as memórias da Marcha das Mulheres Negras e as vivências das jovens mulheres negras no contexto universitário
- Contar as histórias das personagens celebrando de maneira sensível suas vivências e perspectivas futuras.
- Trazer para o maior número de pessoas um olhar mais humanizado sobre mulheres pretas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Feminismo Negro

O Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade

de direitos entre mulheres e homens, que surgiu na Europa em meados do século XIX, pela necessidade que identificada pelas mulheres de estarem inseridas no turbilhão de mudanças sociais que estas revoluções traziam, principalmente para se sentirem mais cidadãs em uma sociedade historicamente patriarcal.

Para se discutir a história de luta e resistência das mulheres negras no Brasil, é necessário desembarcar na escravidão no início do século XVI. Desde o princípio da exploração racial, foi dado a elas a autoria da construção de uma identidade nacional e do processo de civilização do Brasil colonial, assim como explica a autora Lélia Gonzalez:

Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas, é a chamada “resistência passiva”. A nosso ver, a “Mãe Preta” e o “Pai João”, com suas estórias, criaram uma espécie de “romance familiar” que teve uma importância fundamental na formação dos valores e crenças do povo, do nosso “Volkgeist”. Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram representantes. Mais precisamente coube a Mãe Preta, enquanto sujeito-suposto-saber a africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira. E se levamos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por esta razão que a cultura brasileira é eminentemente negra (GONZALEZ, 1982, p.93-94).

A partir da humanização incompleta proveniente dos lugares de dominação das opressões que as atravessam, falar dos processos destas mulheres pretas demanda compreender como raça e classe, entre outros elementos identitários e de subordinação, reconfiguram o modo como as mulheres negras vivenciam o gênero no Brasil. E aqui, vale retomar a afirmação da médica, feminista e ativista pela causa antirracista, Jurema Werneck, quando reitera que “as mulheres negras não existem” (2010, p. 10), em outras palavras, o que a autora quer dizer é que as mulheres negras como seres políticos e identitários, são consequência de demandas históricas, políticas, culturais, advinda do racismo, com bases na cor de pele e deslegitimação dos símbolos, valores e significados relacionados à África, sustentada pela dominação ocidental eurocêntrica no decorrer dos séculos de escravidão, e em condições de extrema exclusão (2010, p. 11), não existiríamos. Forjados na necessidade de resistência, estabelecemos uma identidade inflexível à desumanização. Como Hansebalg explicou em seu livro "Um Lugar de Negro"

em co-autoria com Lélia Gonzalez, esse processo começou com a escravidão colonial e foi se reconfigurando ao longo dos séculos.

O racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor. O conteúdo desta justificativa variou ao longo do tempo, tendo começado com noções imbuídas de uma visão religiosa do mundo que permitiram estabelecer a distinção entre cristãos e pagãos. Mais tarde e de uma maneira paradoxal, o ideário de igualdade e liberdade surgido no final do século XVIII acentuou a exclusão dos não-brancos do universalismo burguês e levou à necessidade de reforçar a distinção entre homens (brancos) e sub-homens (de cor). Já no século XIX, o darwinismo social, o evolucionismo, as doutrinas do “racismo científico” e a ideia da “missão civilizatória do homem branco” aparecem intimamente relacionadas à expansão imperialista dos países europeus (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.69)

O feminismo negro sempre se mostra necessário visto que as pautas colocadas pelas mulheres brancas não conversavam com a realidade das mulheres negras que em sua maioria são pobres, solteiras, mães solo, excluídas e silenciadas pela sociedade, inclusive por mulheres brancas. No contexto do Brasil em que a cada 100 assassinatos cometidos no Brasil, 71 das vítimas são negros ou negras (Atlas da Violência 2017), sendo assim mulheres negras precisam fazer um recorte de raça pois o genocídio da população negra atinge muitas vezes seus pais, irmãos, esposos e filhos

4.2. Marcha das Mulheres Negras

No dia 18 de novembro de 2015 aconteceu em Brasília a Marcha das Mulheres Negras resultado dos esforços coletivos das milhões de mulheres negras que, durante três anos e em lugares diferentes do País e do mundo, acreditaram na construção de um momento político que revelaria e visibilizaria a luta, a resistência, às denúncias, as angústias e as vozes das 50 milhões de mulheres negras brasileiras. Foi durante o Fórum Afro XXI, no ano de 2011, o encontro que celebrava o Ano Internacional dos Afrodescendentes, declarado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2009, a engenheira agrônoma, escritora e ativista Nilma Bentes propôs a realização da Marcha. A sugestão da marcha veio de uma inquietação de Nilma de ver algo mais concreto na

busca de melhorias para a população negra, pois estava com um incômodo que segundo entrevista que realizamos com Nilma Bentes via como “concentra mais não sai” (BENTES, 2021).

Relata-nos Nilma Bentes (BENTES, 2021) que a iniciativa da Marcha foi fomentada em conversas entre diferentes organizações, e em 2013 foi criado o Comitê Impulsor Nacional da Marcha, durante a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Conapir), formado por representantes de Agentes de Pastoral Negros (APNs), Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Quilombolas (Conaq), Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen), Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), Fórum Nacional de Mulheres Negras (FNMN), Movimento Negro Unificado (MNU) e União de Negros e Negras pela Igualdade (Unegro).

Ao longo de três anos, do ano de 2011 ao ano de 2014, foram realizadas agendas, debates, rodas de diálogo, samba, bingo, passeata, seminários, exposições, oficinas, sarau de poesia, audiências públicas entre outras ações que tornou a Marcha presente nos quatro cantos do País. Foram milhares de vozes negras que invocaram o sentido de viver africano orientado pelas nossas ancestrais, que nos ensinaram e ensinam que quando “Uma Sobe Puxa a Outra” e que “Nossos Passos Vêm de Longe” (WERNECK 2010, p. 08-17) lema nos remete sempre a lembrar do nosso ponto de partida que é a ancestralidade de mulheres negras líderes e protagonistas das diversas lutas do povo negro.

Em Brasília, por mais de 50 mil mulheres negras com o lema "contra o racismo, a violência e pelo bem viver" essas mulheres ao longo da marcha trouxe à tona questões como discriminação, extermínio da juventude negra, precariedade do trabalho e alta incidência de violência contra as mulheres negras, e também levar a ideia de construir um novo modelo civilizatório para o País, centrado no bem viver e no rompimento com o racismo e todas as formas de discriminação que tanto mata homens e mulheres negras.

No ano de 2014, segundo Nilma Bentes (BENTES, 2021) foi entregue às autoridades governamentais um documento analítico, exigências de atuação governamental para superação das desigualdades, as reivindicações também foram direcionadas à própria sociedade brasileira.

Sob o grito de ordem "uma sobe e puxa a outra", as manifestantes não apenas clamaram por solidariedade e organização no movimento, mas também lembraram àquelas que conseguiram superar situações de opressão a responsabilidade com aquelas que ainda se encontram em vulnerabilidade.

Mesmo que a visibilidade, inclusive midiática, não tenha sido tão forte, a Marcha até hoje é considerada um marco para o movimento de mulheres negras brasileiras, e é uma referência a organização de grupos de mulheres negras em muitos estados do Brasil, pois representou e representa na vida das mulheres um dos mais importantes movimentos políticos no Estado brasileiro no ano de 2015.

Um momento tão significativo como esse traz um esperançar de um bem viver na vida de mulheres negras.

Partindo do conceito de vigilância comemorativa (NORA, 1993) a Marcha das Mulheres Negras foi de suma importância para a construção de debates nos últimos seis anos, e precisa ser lembrada e comemorada, por meio de ações comemorativas, assim como este webdocumentário.

4.3. Webdocumentário

Existem diversos gêneros no audiovisual e ao contrário dos demais gêneros de filmes, o documentário tem o papel de narrar algo real. Segundo Cassio dos Santos Tomain (2009) o documentário tem um papel valioso na memória das pessoas seja na forma de resgate, homenagem. Já segundo Nora, estes lugares só existem porque os grupos sociais veem seu passado ameaçado pelo esquecimento”.

Mesmo tendo como princípio narrar fatos reais o documentário não deixa de ser uma expressão artística do autor como conceitua Bill Nichols.

“Os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social.

O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação

significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pela qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer” (NICHOLS, 2010; ed.5;p 73)

Tentando essa liberdade de desenhar de forma criativa para que o espectador tenha a chance de experienciar várias sensações, seja medo, revolta, emoção, o documentarista pode se utilizar de enquadramentos bem feitos para gerar interações com quem o assiste, trilhas sonoras, imagens e até mesclar com animações.

Partindo de todos os princípios e possibilidades que a forma de webdocumentário foi escolhida para retratar e dar voz de maneira mais fiel e sensível possível, de uma perspectiva pessoal e que, por essa junção, torna o trabalho completo.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração deste trabalho contou com três etapas: Etapa 1, a pré-produção (leitura do referencial teórico e primeiro contato com as personagens), Etapa 2, produção (gravações das entrevistas) e Etapa 3, pós-produção (edição e finalização do webdocumentário).

5.1 PRÉ PRODUÇÃO

5.1.1 Definição do tema e pesquisa do tema

O processo de pré-produção do webdocumentário “Ir à luta e garantir nossos espaços” teve início no segundo semestre de 2021 após a decisão de trabalhar a temática sobre a marcha das mulheres negras com um olhar de esperança futura na vida de mulheres negras

Trata-se, portanto, da etapa preliminar que compreendeu desde a escolha do tema, definição e pesquisa de formatos e a identificação de possíveis personagens.

Definição do tema se deu a partir de uma percepção e experiência pessoal, onde eu estava passando por problemas familiares que não me permitiam pensar em um futuro melhor.

O objetivo geral da pesquisa, é por meio de entrevistas promover o resgate das memórias da marcha das mulheres negras e como é importante ocupar espaços que sempre nos foram negados, além de olhar de uma forma mais sensível e humana a vida de mulheres negras.

Através das leituras percebi que poucas matérias e estudos acerca da marcha das mulheres negras de 2015 foram produzidos, essa inquietação me levou a conseguir informações internas do comitê de organização da marcha. Ainda na pesquisa busquei referências que embasassem as personagens e suas vozes, assuntos que permeiam essa perpetuação de estereótipos acerca da vida de mulheres negras.

5.1.2. Contato com as personagens

Nesse período de pré-produção ocorreram os primeiros contatos com as personagens, por e-mail, DM do Instagram ou WhatsApp mais de 30 mulheres negras de diferentes áreas foram contatadas de cantoras á médicas, mas somente 8 aceitaram o convite de contar um pouco sobre suas vivências passadas e perspectivas futuras. Abaixo a mensagem enviada as convidadas:

“Boa tarde, (nome da pessoa),

Tudo bem? Meu nome é Iara Santos, sou estudante de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), e gostaria de te fazer um convite. Estou produzindo meu Trabalho de conclusão de curso. O presente trabalho é um webdocumentário que resgata as memórias da Marcha das Mulheres Negras realizada em 2015, paralelo a uma perspectiva de um futuro de esperança na vida de mulheres pretas.

Sendo assim, quero te convidar, para em uma entrevista em vídeo, via Zoom, contando um pouco da vivência como mulher preta, seu trabalho e como vê o futuro.

Ps: Deixo meu contato caso queira entender melhor sobre o projeto

Torço para que veja este email – e aceite participar. Obrigada pela sua atenção.”

| NOME | OCUPAÇÃO |
|-------------------|--|
| Nilma Bentes | Foi uma das fundadoras do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa) na década de 1980, em Belém, e uma das idealizadoras da Marcha das Mulheres Negras, que ocorreu em Brasília (DF), em 2015. |
| Natália Macário | Psicóloga e residente de saúde mental |
| Lilian Gomes | Professora de português e educadora social |
| Carla Sottomaior | Biotecnóloga e estudante de medicinaMédica |
| Jamine Gomes | Graduanda de Direito |
| Juliana Nunes | Jornalista e integrante do sindicato dos Jornalistas do DF |
| Juliana Gonçalves | Jornalista e integrante do comitê da marcha das mulheres de São Paulo |
| Graziella Barros | Graduanda em biblioteconomia |

Fonte: elaborado pela autora

5.2. PRODUÇÃO

Após contatar as mulheres e marcar as datas começamos as gravações, grande parte das entrevistas só podiam gravar no final da semana então precisei realizar mais de uma entrevista por dia durante três dias.

A entrevista nada mais é do que uma conversa com o intuito de adquirir alguma informação, para atingir o objetivo deve-se propor um diálogo de forma fluída. Deste modo, propõe-se uma inter-relação com o entrevistado (MEDINA, 2011). O entrevistador deve estar aberto a mudanças repentinas do caminho inicial da entrevista e se atentar a dar foco ao objetivo da entrevista sem que o entrevistado se sinta constrangido. A falta de diálogo é claramente percebida, o que não gera identificação com a história contada e distancia o leitor dela (MEDINA, 2011). Dessa forma, o webdocumentário representado neste trabalho utilizou um roteiro de perguntas como guia e se aproveitou de novos temas pautados pelas personagens

buscando humanizar, comunicar e interligar tendo em vista que “o entrevistado é o sujeito que está dentro do fato, é parte da história (...) e dá a dimensão emocional do acontecimento. Cabe ao repórter a razão da narrativa e ao entrevistado a emoção do fato.” (TEMER, 2010, pág. 115).

Durante a gravação das entrevistas buscou-se o diálogo interativo, com trocas emocionais e humanas na relação entrevistadora-entrevistadas, trazendo muitas vezes relatos pessoais como forma de construir uma rede de apoio. Apesar das entrevistas terem sido realizadas de forma remota, por conta da pandemia da Covid-19, a emoção e afeto não faltaram.

5.3 PÓS PRODUÇÃO

5.3.1. Edição e montagem

Partindo da centralidade das entrevistas, o documentário foi desenhado a partir das ligações entre as vivências das personagens em contraponto às memórias da Marcha das Mulheres Negras. A ideia é que quem quer que esteja assistindo ao do produto possa compreender os diversos aspectos envolvidos na construção da subjetividade de cada personagem por meio da trajetória pessoal.

Antes mesmo de finalizar todas as entrevistas o processo de edição começou, durante as gravações pontos importantes das falas das mulheres foram anotados para facilitar na hora da montagem já que cada entrevista rendeu um material de 40 á 50 minutos. Trabalho esse que foi perdido pois no meio do percurso o notebook em que estava sendo realizado a edição do projeto estragou e o conserto não ficaria pronto a tempo de consertar, por sorte o material também foi salvo no computador do meu irmão e assim precisei reiniciar o processo de edição o que acabou por atrasar a entrega do mesmo para a banca.

A edição de todo o material foi de minha autoria com o uso do programa Adobe Premiere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse projeto foi uma oportunidade de explorar e colocar em prática os diversos conhecimentos reunidos ao longo da graduação. Foi um percurso extremamente desafiador principalmente neste período tão incerto em nossas vidas, ter que lidar com a conclusão do curso e com a pandemia da Covid-19 onde a saúde mental ficou bastante comprometida, mas que por sorte não perdi ninguém.

Falar sobre ser mulher preta principalmente no Brasil pode muitas vezes nos desanimar. A violência contra os negros continua se manifestando de diversas maneiras na atualidade. No Brasil, 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, a chance de um negro ser assassinado é 2,6x maior do que a de um não negro, segundo o Atlas da Violência 2021. E, na faixa etária de 15 a 29 anos, cinco pessoas negras são vítimas de violência a cada duas horas. Outro dado alarmante, este divulgado pelo IBGE, aponta

que pretos e pardos recebem salários menores e são os mais afetados pelo desemprego, o trabalho infantil e o analfabetismo. Neste contexto, as meninas e mulheres negras acabam sendo as mais vulneráveis a diferentes formas de violência. Segundo pesquisa realizada pela consultoria Indique Uma Preta e pela empresa Box1824, apenas 8% das mulheres negras brasileiras que trabalham no mercado formal ocupam cargos de gerente, diretora ou sócia proprietária de empresas e menos da metade das mulheres negras exercem trabalho remunerado. Ainda segundo dados do Mapa da Violência, 67% das vítimas de feminicídio em 2019 eram negras. Enquanto caiu em 26,9% o número de mulheres não mortas, o de mulheres negras mortas aumentou em 2%

Pensar em futuro e de esperança ainda mais com esses dados alarmantes sempre me assustou, pois uma vida atravessada pelo racismo deixa sequelas da insegurança em vários campos da vida. Busquei por estágios durante a graduação desde o meu 5 semestre, muitas das vagas que fiz entrevista simplesmente me diziam que eu não fazia o perfil da vaga e não deixavam claro qual perfil era esse, mas eu sentia muito bem qual era. Falar sobre esse tema foi um processo de cura também, pois por muito tempo me deixei levar pelas minhas feridas e cicatrizes sem qualquer perspectiva futura. Conversar com essas mulheres me deu uma força para pensar que sim, não só posso como devo ocupar esses lugares, sou muito mais que minhas dores. Ver mulheres fortes em espaços que sempre nos foram negados me fortaleceu a não ter medo do que está por vir.

Pela primeira vez em anos me senti feliz e que ser jornalista é o que eu realmente quero, por mim e pelas que estão por vir, ser mais uma preta a ter ensino superior e aos poucos ir mudando as estatísticas.

Que esse trabalho possa inspirar outras meninas e mulheres negras a ir à luta e garantir nossos espaços que foram negados por tanto tempo (GONZÁLEZ, 1982).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, (Coleção 2 Pontos)

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

MOURA, Dione O.; FIGUEIREDO, Verônica de S. ; NUNES, J. C. Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira; GERALDES, Elen Cristina; PEREIRA, Fábio Henrique; OLIVEIRA, Madalena; ADGHIRNI, Zélia Leal. (Org.). Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. 2ed.Brasília: Centro de Estudos Com. e Sociedade da Universidade do Minho/UnB, 2014, v. 1, p. 187-204.

MOURA, Dione O.; Santos, Elen Cristina Ramos dos. O encontro da Vigilância Comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: MOREIRA, Marcos; SANTOS, Ivair Augusto dos. (Org.). As estruturas dissimuladas do racismo: história, memórias e resistências. 1ed.Porto Alegre: Nova Praxis Editorial, 2020, v. 1, p. 167-189

MOURA, Dione O.; FIGUEIREDO, Verônica de S. ; NUNES, J. C. Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira;

GERALDES, Elen Cristina; PEREIRA, Fábio Henrique; OLIVEIRA, Madalena; ADGHIRNI, Zélia Leal. (Org.). Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. 2ed. Brasília: Centro de Estudos Com. e Sociedade da Universidade do Minho/UnB, 2014, v. 1, p. 187-204.

Moura, Clóvis, “O racismo como arma ideológica de dominação”, 1994.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/303>

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. Série Princípios, 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas. Editora Contexto, 2008

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005

BAUER, Marcelo. Mas, afinal, o que é webdocumentário? Webdocumentário, 2010. Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/parasaber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario>.

TOMAIM, Cassio dos Santos. *O documentário como chave para a nossa memória afetiva*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Brasil, jul./dez.2009.

Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/259/252>.

OUTRAS REFERENCIAS

Ipea- Atlas da Violência 2021 Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>

Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Maria Mulheres Maranhenses. Direção: Pâmella Moraes. Brasil, 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCC9mBk5ypqHy5ri23Ubcy7A>

Kurialuka. Direção: Emily Almeida Azarias. Brasil, 2016.

Memórias fotográficas de negros de alma preta. Direção: Irene Santos. Brasil, 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAQHPUTdGBw>

APÊNDICES

DISPONÍVEL EM:

COMPUTADOR: <https://bit.ly/iralutaa>

CELULAR: <https://bit.ly/mobileiraluta>

PALETA DE COR



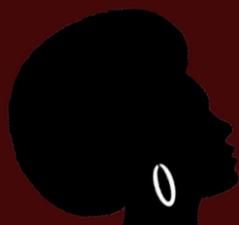
FONTE

Arapey

LAYOUT DO SITE

INÍCIO

Ir à luta e garantir nossos espaços



SOBRE

Ir à luta e garantir nossos espaços é uma coletânea de histórias, disponibiliza em formato de webdocumentário, que se propõe a registrar as memórias da Marcha das Mulheres Negras e as vivências de jovens negras em marcha sócio histórica.

VÍDEOS



A MARCHA

Conheça sobre a construção da Marcha das Mulheres Negras, realizada em novembro de 2015



UNIVERSIDADE E CARREIRA

Saiba mais sobre o impacto da universidade na vida das jovens negras.



MATERNAR O FUTURO

Entenda a perspectivas de futuro e olhar de esperanças das jovens mulheres negras

REALIZAÇÃO

PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

Faculdade de Comunicação



Autora: Iara Santos

Orientação: Dione Moura

CONTATO



projetomarchadasmulheresnegras@gmail.com

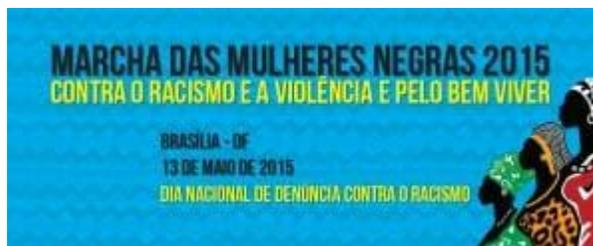


61 994240834- lara Santos

ANEXOS

PRODUZIDO PELA ARTICILAÇÃO DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS-AMNB

Manifesto da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver



Nós, mulheres negras brasileiras, descendentes das aguerridas quilombolas e que lutam pela vida, vimos neste 25 de Julho – Dia da Mulher Afrolatinoamericana e Afrocaribenha denunciar a ação sistemática do racismo e do sexismo com que somos atingidas diariamente mediante a conivência do poder público e da sociedade, com a manutenção de uma rede de privilégios e de vantagens que nos expropriam oportunidades de condição e plena participação da vida social.

Nesta data vimos visibilizar a incidência do racismo e do sexismo em nossas vidas, assim como as nossas estratégias de sobrevivência, nosso legado ancestral e nossos projetos de futuro e afirmar que a continuidade de nossa comunidade, da nossa cultura e dos nossos saberes se deve única e exclusivamente, a nós, mulheres negras. Transcorrido esse marco histórico e a atualidade de nossas lutas, nos valemos do Dia da Mulher Afrolatinoamericana e Afrocaribenha para anunciar a realização da Marcha das Mulheres Negras 2015 Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver, que realizaremos em 13 de maio do próximo ano, em Brasília.

Somos 49 milhões de mulheres negras, isto é, 25% da população brasileira. Vivenciamos a face mais perversa do racismo e do sexismo por sermos negras e mulheres. No decurso diário de nossas vidas, a forjada superioridade do componente racial branco, do patriarcado e do sexismo, que fundamenta e dinamiza um sistema de opressões que impõe, a cada mulher negra, a luta pela própria sobrevivência e de sua comunidade. Enfrentamos todas as injustiças e negações de nossa existência, enquanto reivindicamos inclusão a cada momento em que a nossa exclusão ganha novas formas.

Impõe-se na luta pela terra e pelos territórios quilombolas, de onde tiramos o nosso sustento e mantemo-nos ligadas à ancestralidade.

A despeito da nossa contribuição, somos alvo de discriminações de toda ordem, as quais não nos permitem, por gerações e gerações de mulheres negras, desfrutarmos daquilo que produzimos.

Fomos e continuamos sendo a base para o desenvolvimento econômico e político do Brasil sem que a distribuição dos ativos do nosso trabalho seja revertida para o nosso próprio benefício.

Consideramos que, mesmo diante de um quadro de mobilidade social pela via do consumo, percebido nos últimos anos, as estruturas de desigualdade de raça e de gênero mantêm-se por meio da concentração de poder racial, patriarcal e sexista, alijando a nós, mulheres negras, das possibilidades de desenvolvimento e disputa de espaços como deveria ser a máxima de uma sociedade justa, democrática e solidária.

Não aceitamos ser vistas como objeto de consumo e cobaias das indústrias de cosméticos, moda ou farmacêutica. Queremos o fim da ditadura da estética europeia branca e o respeito à diversidade cultural e estética negra. Nossa luta é por cidadania e a garantia de nossas vidas.

Estamos em Marcha para exigir o fim do racismo em todos os seus modos de incidência, a exemplo da saúde, onde a mortalidade materna entre mulheres negras estão relacionadas à dificuldade do acesso aos serviços de saúde, à baixa qualidade do atendimento recebido aliada à falta de ações e de capacitação de profissionais de saúde voltadas especificamente para os riscos a que as mulheres negras estão expostas; da segurança pública cujos operadores e operadoras decidem quem deve viver e quem deve morrer mediante a omissão do Estado e da sociedade para com as nossas vidas negras.

Denunciamos as batalhas solitárias contra a drogadição e a criminalização do nosso povo e contra a eliminação de nossas filhas e filhos pelas forças policiais e pelo tráfico, há muito tempo! Denunciamos o encarceramento desregrado de nossos corpos, vez que representamos mais de 60% das mulheres que ocupam celas de prisões e penitenciárias deste país.

Ao travarmos batalhas solitárias por justiça num quadro de extrema violência racial, denunciamos a cruel violência doméstica que vem levando aos maus tratos e homicídios de mulheres negras, silenciados em dados oficiais. Lutamos pelo fim do racismo

estrutural patriarcal que promove a inoperância do poder público e da sociedade sobre a exterminação da nossa população negra.

Estamos em marcha para reivindicar o livre culto de nossas divindades de matriz africana sem perseguições, nem profanações e depredações de nossos templos sagrados.

Estamos em marcha contra a remoção racista das populações das localidades onde habitam. Lutamos por moradia digna; por cidades que não limitem nosso direito de ir e vir e contra a segregação racial do espaço urbano e rural; por transporte coletivo de qualidade; por condições de trabalho decente nas diferentes profissões que exercemos. Valorizamos nosso patrimônio imaterial em terreiros, escolas de samba, blocos afros, carimbó, literatura e todas as demais manifestações culturais, definidoras da nossa identidade negra.

Estamos em marcha porque somos a imensa maioria das que criam nossos filhos e filhas sozinhas, as chefes de famílias, com poucos recursos e o suor de nosso único e exclusivo trabalho.

Estamos em Marcha:

pelo fim do feminicídio de mulheres negras e pela visibilidade e garantia de nossas vidas; pela investigação de todos os casos de violência doméstica e assassinatos de mulheres negras, com a penalização dos culpados;

pelo fim do racismo e sexismo produzidos nos veículos de comunicação promovendo a violência simbólica e física contra as mulheres negras;

pelo fim dos critérios e práticas racistas e sexistas no ambiente de trabalho;

pelo fim das revistas vexatórias em presídios e as agressões sumárias às mulheres negras em casas de detenções;

pela garantia de atendimento e acesso à saúde de qualidade às mulheres negras e pela penalização de discriminação racial e sexual nos atendimentos dos serviços públicos;

pela titulação e garantia das terras quilombolas, especialmente em nome das mulheres negras, pois é de onde tiramos o nosso sustento e mantemo-nos ligadas à ancestralidade;

pelo fim do desrespeito religioso e pela garantia da reprodução cultural de nossas práticas ancestrais de matriz africana;

pela nossa participação efetiva na vida pública.

Buscamos num processo de protagonismo político das mulheres negras, em que nossas pautas de reivindicação tenham a centralidade neste país. Nosso ponto de chegada e início de uma nova caminhada é 13 de maio de 2015 – Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo – em Brasília/DF.

Conclamamos, a todas as mulheres negras, para que se juntem a esse processo organizativo, nos locais onde estiverem, e a se integrem nessa Marcha pela nossa cidadania.

Imbuídas da nossa força ancestral, da nossa liberdade de pensamento e ação política, levantamo-nos – nas cinco regiões deste país – para construir a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver, para que o direito de vivermos livres de discriminações seja assegurado em todas as etapas de nossas vidas.

ESTAMOS EM MARCHA !

“UMA SOBE E PUXA A OUTRA!”

Brasil, 25 de Julho de 2014

POSTS DIVULGAÇÕES REDES SOCIAIS



Fonte: Domínio Público - Eugène Delacroix – adaptação idealizada por Nilma Bentes e efetivada por Diogo Gabriel Pereira, em 2009 (Belém-Pará-Amazônia-Brasil).

Lélia Gonzalez, certamente, apoiaria e iria à Marcha de Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71

Cristo Redentor há de apoiar a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



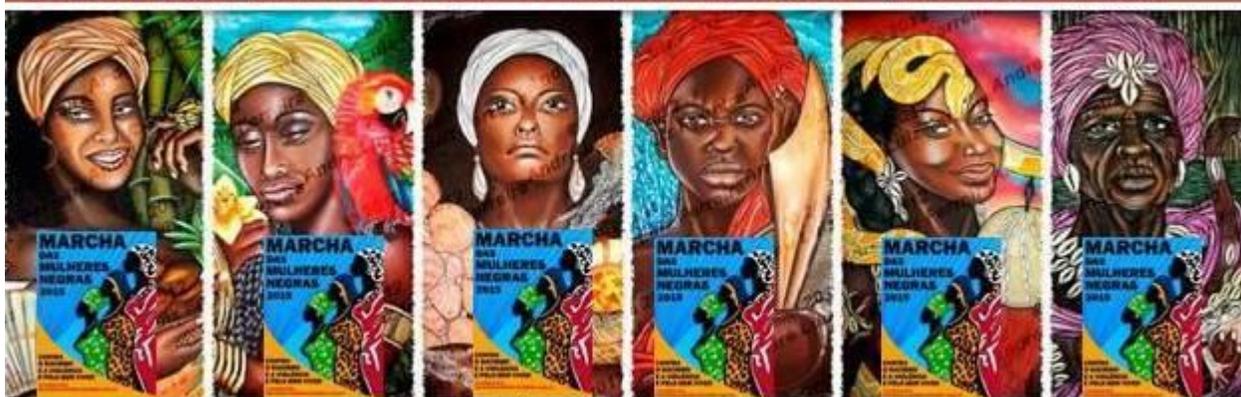
Fonte: <http://blogdomaturo.blogspot.com.br/2010/08/cristo-redentor-rio-de-janeiro.html>

Santa Josefina Bakhita há de apoiar a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: <http://cleofas.com.br/82-santa-josefina-bakhita/>

Todas as Yabás haverão de apoiar a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: <http://elekomulheresguerreiras.blogspot.com.br/2012/12/as-yabas.html>

Deusa - Sacerdotisa Isis há de apoiar a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: <http://sagrado-feminino.blogspot.com.br/2012/05/deusa-isis.html>

Carolina de Jesus, certamente, apoiaria a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: <http://www.brasilcultura.com.br/sociologia/carolina-de-jesus-publicou-ainda-o-romance-pedacos-de-fome/>

Clementina de Jesus, certamente, apoiaria a Marcha das Mulheres Negras 2015, à Brasília



Fonte: <http://geekness.com.br/negras-samba>